

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA-PEAD
PÓLO ALVORADA**

Carla Andréa Luvizetto Selistre Truda

**NEGLIGÊNCIA E ATRASOS DE APRENDIZAGEM:
POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO.
- estudo de caso em uma escola pública -**

Porto Alegre

2010

Carla Andréa Luvizetto Selistre Truda

**NEGLIGÊNCIA E ATRASOS DE APRENDIZAGEM:
POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO.
- estudo de caso em uma escola pública -**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da universidade Federal do Rio Grande do Sul

Conceito final:

Aprovado em.....de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. – UFRGS

Prof. – UFRGS

Orientador - Prof. Dr. Paulo Albuquerque – UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à todos meus alunos, que ajudaram, entenderam e aceitaram as propostas de ensino feitas por mim.

Às famílias dos meus alunos, que trabalharam em conjunto nesta proposta de educação construída.

Ao meu pai, que muito sonhou chegar a este momento comigo...meu amor e minha saudades.

À minha mãe, parceira, amiga e grande incentivadora.

Ao meu esposo e meus filhos, grandes amores da minha vida.

À Elisabeth, grande-pequeno presente de Deus para a dinda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelas graças que Ele derramou, derrama e derramará em minha vida.

À minha mãe, Luci , pelo estímulo, apoio, carinho, companheirismo e amor durante todo período de Faculdade.

Ao meu pai, Helio, pela companhia, pelo estímulo, pelos sonhos, meu amor e minha saudade.

Ao meu esposo Vicente, pelo amor, pela compreensão, pela companhia, pela dedicação, a certeza do meu amor.

Aos meus filhos, Maria Vitória, Ana Clara e Miguel, pelo amor, compreensão, pelos sonhos, pela companhia, pelo estímulo, por abrirem mão de mim, mesmo sem entenderem direito os motivos, meu amor eterno.

Aos meus irmãos, pelo carinho, pelo apoio, por acreditarem em mim e por não me deixarem desistir.

Às minhas cunhadas, pela presença amiga, pelas palavras de estímulo, pelo carinho e apoio.

À Elisabeth, que veio acrescentar em nossas vidas muito mais amor.

Ao professor Paulo, grande mestre, orientador e amigo, que acreditou mais em mim do que eu mesma.

À Rossana , uma grande Orientadora e amiga, descoberta nesta caminhada, pelo apoio, compreensão e paciência.

À N., por que confiou em mim, permitindo construir com ele grandes aprendizagens.

A todos que de uma maneira ou outra permitiram que eu chegasse até aqui.

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar os elementos de uma experiência de sala de aula durante o estágio realizado para atender as exigências protocolares do curso de Pedagogia à distancia da UFRGS em 2010/2. O trabalho resultou da necessidade de entender de que maneira acontece a inclusão de um aluno negligenciado, com atrasos de aprendizagem na rotina diária da turma. Trabalhando conceitos como inclusão, exclusão, observação, registros e avaliação.

Palavras-chave: inclusão social, exclusão social, observação e avaliação da aprendizagem.

ABSTRACTS

This paper analyzes the elements of a classroom experience during the training developed to meet the protocol requirements of the Pedagogy course in the distance, UFRGS 2010 / 2. The work resulted from the need to understand how it happens to include a student neglected, with delays in learning the daily routine of the class. Working concepts such as inclusion, exclusion, observation and assessment records.

Keywords: social inclusion, social exclusion, observation and evaluation of learning.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	p.08
2. O CONTEXTO	p.09
2.1.A TURMA E O ALUNO.....	p.09
2.2.BASES TEÓRICAS	p.12
3.INTERVENÇÕES REALIZADAS.....	p.15
3.1.OBSERVANDO,AVALIANDO E APRENDENDO.....	p.16
3.2.O CADERNO	p.18
3.3.NÚMEROS E LETRAS	p.19
3.4.O QUEBRA-CABEÇA	p.22
3.5.LETRAS E IMAGENS.....	p.23
3.6.ESTRELA NO JORNAL.....	p.24
3.7.O PAPEL DAS INSTÂNCIAS DA ESCOLA.....	p.25
4.PENSANDO A IN(EX)CLUSÃO...CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.26
REFERÊNCIAS	p.31

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho é demanda obrigatória do curso de Pedagogia Educação à Distância.

Sou professora formada há 23 anos, atuando há 8 anos. Durante minha trajetória, a inclusão sempre foi um tema que chamou minha atenção, na escola que trabalho há uma Classe Especial e uma classe para quem é portador de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD). Todo processo de inclusão é feito com acompanhamento das respectivas professoras das classes de onde os alunos são oriundos.

No entanto, ao iniciar o trabalho com minha atual turma, manifestou-se uma outra necessidade de inclusão: a inclusão do excluído social, daquele aluno que não tem Necessidades Especiais, não possui laudo médico, nem acompanhamento familiar. Sua situação é agravada por que sua aprendizagem está defasada, possui muitas dificuldades de aprendizagem e não aprende no mesmo ritmo dos seus colegas.

O foco principal deste trabalho é problematizar e refletir sobre a possibilidade de incluir um aluno negligenciado, com atrasos de aprendizagem na rotina diária da turma, no caso um segundo ano em uma Escola Estadual de Porto Alegre, onde realizei minha prática de Estágio.

Como aluna do curso de Pedagogia à Distância, realizei a atividade de estágio obrigatório, no qual a questão da inclusão de alunos não portadores de Necessidades Especiais, mas excluídos, salientou-se de forma que foi impossível tratar de outra questão nesse TCC.

A inclusão apresenta-se como o tema corporificado no aluno que aqui tratarei por N. O trabalho constitui-se em um estudo de caso no qual problematizo o conceito de inclusão (que se trata de maior dimensão, não somente restrita ao que se está veiculando no senso comum ao relacionar a alunos com necessidades educativas especiais, pois há outras necessidades).

A inclusão de alunos portadores de necessidades especiais de maneira efetiva e responsável esteve presente em minha prática desde que comecei a trabalhar há alguns anos. Dessa forma, neste trabalho, visio compreender, pensar, refletir sobre o trabalho da professora

no processo de inclusão do aluno negligenciado e com atrasos de aprendizagem e como este processo acontece sem a participação e o apoio da família.

Assim no primeiro capítulo apresento o contexto da escola e a situação do aluno em questão e o porquê do tema desse trabalho (bases teóricas).

No segundo capítulo, narro as intervenções pedagógicas promovidas por mim, como professora de N., pela escola como um todo, bem como as reações do aluno.

O terceiro capítulo e último, apresento considerações finais sobre o trabalho.

2. O CONTEXTO

Sou professora de uma escola Estadual, em um segundo ano, com crianças nas idades entre 7 e 8 anos, sendo 2 alunos oriundos da Classe Especial, com 9 e 15 anos.

O lugar onde trabalho e realizei minha prática é uma escola Estadual de ensino Fundamental em Porto Alegre, atualmente funcionando nos três turnos. Busca inserir-se na comunidade e que comunidade esteja inserida nela, através da oferta de projetos e atividades comunitárias. A direção quer construir uma relação bem próxima com os pais, trazendo-os para participarem da escola e da construção da aprendizagem dos seus filhos.

2.1.A TURMA E O ALUNO

No corrente ano, havia um aluno com sério caso de negligência e atrasos de aprendizagem, que estava excluído da turma e das atividades. Como incluí-lo e garantir a efetiva construção da aprendizagem passou a ser uma questão diária que foi tomando forma durante o estágio. Parecia que sua exclusão agravava suas defasagens e aprofundava seus atrasos de aprendizagem.

O estágio do curso de Pedagogia a Distância, do qual sou aluna, foi realizado nesse cenário. A turma, a qual sou regente de classe, me permitiu observar estas questões que durante o estágio, efetivamente realizado, tomaram corpo teórico.

A proposta inicial de estágio, trazia como meta ter 100% de alunos dessa turma alfabetizados ao finalizar o ano. Para que isto acontecesse, seria necessário um olhar especial

sobre os casos de inclusão que percebia existirem na turma. O trabalho precisava ser eficaz, no sentido de alcançar esses alunos.

Nas observações que realizei nesta turma de segundo ano, concluí que às vezes a escola preocupa-se com a inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais e não "vê", não se preocupa com os alunos que não são portadores de necessidades especiais e estão excluídos da turma e principalmente do direito à aprendizagem.

Como a maior parte das escolas públicas, a escola que trabalho tem suas áreas precárias, como algumas salas com infiltrações grandes de água nos dias de chuva, descaso do poder público em relação à negligência das famílias, falta de oferta de formação dos professores, bem como a falta de motivação de muitos educadores aliada à falta de uma metodologia mais atual, prevalecendo o tradicional, o arcaico ao invés da busca de um crescimento como educador.

Esta grande precariedade em termos de estrutura física e humana, reflete-se nas salas de aula, onde um professor despreparado, cansado por uma exaustiva jornada de trabalho, mau remunerado, encontra alunos que, em grande parte, comparecem às aulas porque recebem benefícios do Governo ou porque a escola tem a finalidade de funcionar como creche, sendo cuidadora e que sendo assim, isente aos pais de se envolverem nas questões educacionais que acontecem em seus ambientes.

Concluindo este quadro que aparece em sala de aula, existem inclusões feitas de qualquer modo, sem que haja um preparo do professor, ou o acompanhamento dos professores capacitados para recepcionarem e incluírem estes alunos de maneira efetiva, não é levado à sério pelos professores.

Os alunos que não são inclusões, por não serem portadores de laudos e demais documentações que os garantam esta condição, porém apresentam grandes dificuldades e atrasos na aprendizagem, terminam tornando-se multirepetentes.

Este foi o panorama que encontrei ao assumir minha turma no corrente ano.

No contexto da escola acima descrito, estava a minha turma de segundo ano, com 24 alunos, sendo 22 com idades homogêneas entre 7 e 8 anos e 2 inclusões da Classe Especial com 9 e 15 anos. Mesmo sendo segundo ano, 92% dos alunos não estavam alfabetizados, isto reflete-se em um número de 22 alunos não alfabetizados. Cada aluno com seus conhecimentos prévios, porém sem iniciativas, condicionados ao uso do caderno e sentarem-se enfileirados um atrás do outro.

Entre estes alunos estava N. sobre o qual me deterei mais cuidadosamente. Percebia que ele se portava de maneira agressiva com os colegas, não participava das atividades, não

mantinha um diálogo com ninguém da aula e da escola, não cumpria as combinações da turma, seu material era encontrado no lixo ao final das aulas, frequentemente era retirado do recreio por bater ou ameaçar aos colegas. Seus pais foram chamados diversas vezes para trabalharem conjuntamente com a escola e nunca apareceram. Como resultado ele estava cada vez mais excluído da turma e por mim, o que comprovava-se pelo lugar onde coloquei-o na sala de aula, sozinho, enquanto os outros sentavam em grupos.

A proposta inicial era separá-lo do grupo para cumprir as combinações da turma sobre como trabalharmos em grupo, uma vez que estragava, rasgava e sujava os trabalhos do seu grupo, mostrava-se violento com os demais integrantes. Aos poucos passou a não ser mais aceito em nenhum grupo devido às suas atitudes agressivas.

Reconhecia o direito dele de estar incluído, pertencendo à turma, bem como construir seu conhecimento, mas por mais que observasse suas atitudes não conseguia descobrir como “acessar”, como conseguir chamar sua atenção.

No início foi complicado conseguir estabelecer uma relação professor/aluno, pois nenhuma proposta feita à ele era aceita e o único “resultado” desses desencontros era o distanciamento cada vez maior das duas partes.

Passei a pensar diariamente, qual tipo de proposta chamaria sua atenção, como levá-lo a construir conhecimento? Que atitudes e propostas eu teria que ter para incluí-lo? Quando se tem uma inclusão de alunos portadores de necessidades educativas especiais, dependendo da necessidade há um atendimento, um trabalho diferenciado, uma área a ser trabalhada que é conhecida. E quando a inclusão deve ser feita, mas o aluno não possui nenhuma necessidade especial? Passei a me questionar sobre o fato da inclusão social também ser uma necessidade especial. O excluído social (como N.) necessita de um olhar diferenciado, um trabalho direcionado.

Aproximava-se o estágio e a minha vontade era de trabalhar com Projetos de Aprendizagem¹.

¹Nesta prática, os alunos, reunidos em pequenos grupos formados por interesses comuns em torno de um fenômeno que querem entender, levantam questões de investigação; buscam, organizam e comparam informações; elaboram e publicam seus achados, socializando tanto o processo desenvolvido, quanto os resultados alcançados, na medida em que o trabalho se desenvolve.

Devido à falta de curiosidade e de interesse, uma característica da turma até então, optei por mudar a arquitetura pedagógica para resolução de problemas. Algo a ser trabalhado a curto prazo, buscando respostas mais imediatas. Eu precisava encontrar respostas para as minhas questões, precisava encontrar uma maneira de trazê-lo para a turma, de incluí-lo.

N. é um aluno com características típicas de negligência e maus tratos familiares, evidenciados pelos aspectos listados a seguir:

1)ASPECTOS FÍSICOS: Aparecia com machucados, queimaduras e hematomas pelo corpo. Não tomava banho, comparecia às aulas sujo e cheirando mal. Escutei-o contar, algumas vezes, que havia ido dormir sem jantar na noite anterior, depois de levar uma surra do pai.

2)ASPECTOS COMPORTAMENTAIS: Tinha atitudes violentas com os colegas, batia e ameaçava. Durante o recreio enforcava, chutava e pegava o que não era seu. Jogava papéis e objetos nos colegas durante a aula. Não conseguia permanecer trabalhando em grupo.

3) ASPECTOS COGNITIVOS: Apresentava grande atraso na aprendizagem, não diferenciando letras e números. Não escrevia seu nome e não sabia sua idade. Pintava com alguns riscos coloridos.

Sua família foi chamada à escola diversas vezes com a finalidade de encaminharmos para tratamento psicológico e nunca compareceram, confirmando a situação de abandono por parte da família.

2.2. BASES TEÓRICAS

Faço desta questão com o aluno N. um estudo de caso nos sentido de pensar a questão da inclusão de forma abrangente. Isso parece ser de extrema importância nesse momento em que o discurso de uma educação inclusiva aponta várias possibilidades.

A educação tem passado por algumas transformações para tornar-se inclusiva, embora muito ainda deva e tenha que ser feito. Apesar de todas as mudanças a educação pública continua excludente, basta olharmos os critérios para aprovação, seu caráter homogeneizador e outras características próprias da exclusão, o que gera fracasso e subsequentemente o abandono da escola. Considero inclusiva a escola que oportuniza uma inserção de todos os alunos, tenham necessidades especiais ou não, à construção do conhecimento.

O que se entende por inclusão?

No dicionário Aurélio (2008) incluir significa entre outros, abranger, compreender, inserir, introduzir e envolver, portanto quando falamos em inclusão, faz-se necessário que ela seja aplicada a quem não está abrangido, inserido, introduzido e envolvido no processo educacional.

Nos documentos do MEC destaca-se como inclusão principalmente os alunos portadores de necessidades educativas especiais (inclui-se nisto também os alunos com altas habilidades/superdotação). Em grande parte dos documentos consultados do MEC² lê-se a necessidade de considerar-se as diferenças individuais, mas referem-se às pessoas com deficiências e com limitações decorrentes de síndromes além das que apresentam altas habilidades/superdotação.

Existe a presença forte de um discurso contrário às escolas excludentes, porém consideram-nas como tal as instituições que discriminam “toda” deficiência. Entretanto as deficiências são referidas como as que encontramos nas escolas especiais.

Em nenhuma parte do livro do Ministério da Educação² consultado, que trata sobre inclusão, pensa-se a questão da inclusão sob, a ótica do aluno excluído socialmente, pelas circunstâncias apresentadas pela vida.

Nesta situação vivida por mim este ano, senti uma dificuldade imensa pois N. não tinha direito à atendimentos extra classe, nem conseguia que os pais participassem levando-o para investigarem e tratarem-no. Portanto por mais que eu sonhasse, planejasse, quisesse atingir o ideal, ele sempre ficava aquém. Além desta situação de idealizar para funcionar a inclusão, sentia-me frustrada enquanto professora por não conseguir ser o ideal que ele teria que ter.

Embora desse atenção e trabalhasse paralelamente com ele, meu tempo, minha dedicação ficavam aquém do necessário para haver um maior desenvolvimento das necessidades e dificuldades. Portanto, se não consigo ser o ideal como professora é improvável que ele chegue ao ideal de aluno.

²Saberes e práticas da inclusão. Avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais. MEC-Secretaria da Educação Especial. Brasília. 2005.

Sei que os alunos não se apresentam desta forma “perfeita” ou “ideal”, mas sei também que este aluno cheio de dificuldades e carências era quem mais necessitava de um olhar, de atenção, de carinho e principalmente de oportunidades. Como nos diz Mantoam:

“...resistimos à inclusão escolar porque ela nos faz lembrar que temos uma dívida à saldar em relação aos alunos que excluímos, por motivos muitas vezes banais e inconsistentes, apoiados por uma organização pedagógica escolar que se destina a alunos ideais, padronizados por uma concepção de normalidade e de deficiência arbitrariamente definida.”
(MANTOAM, 2006)

Foi refletindo sobre estes conceitos que percebi ser necessário olhar diferenciadamente para aqueles que são excluídos pela vida, porque são pobres, porque não aprendem na mesma velocidade que os outros, porque são negros, enfim, porque a vida lhes trouxe algum rótulo e a escola os exclui por conta deste mesmo rótulo.

A escola deveria ser a instituição responsável pela passagem da vida particular e familiar para o domínio público. É na escola que dever-se-ia desenvolver o espírito crítico, a observação e o reconhecimento do outro em todas as suas dimensões. Este é um direito de todo ser humano, incondicionalmente. A escola que quer ser inclusiva, deveria permitir ao aluno ter reconhecidos e valorizados os conhecimentos que é capaz de produzir, de acordo com suas possibilidades.

Uma escola que importa-se com a educação inclusiva é aquela que proporciona atividades diversificadas para seus alunos com ou sem necessidades educacionais especiais, trabalhando o mesmo conteúdo curricular, atendendo e abrangendo aos diferentes níveis de compreensão.

Para garantir um ensino inclusivo, o professor não pode trabalhar sozinho. É necessário que possa contar com o respaldo da escola, na figura da direção, dos especialistas, se houverem e de outros docentes, se a gestão for descentralizada e participativa.

Isto demonstra o quanto incluir está associado à uma rede que se interliga e garante a diversidade; a diferença e a pluralidade. Quando a exclusão acontece, alguma(s) parte(s) desta rede está(ão) falhando.

Conforme nos diz Lenise Henz Caçula Pistóia:

“Parte-se do princípio que o professor sozinho não será capaz de garantir a almejada qualidade de ensino. Portanto, ele precisa valer-se de iniciativas no âmbito escolar que se encaminhem para a construção de uma rede de relações sociais e para a inclusão de todas as crianças na escola.”
(PISTÓIA, 2010)

PERRENOUD (2001) diz que diferenciar o ensino não é introduzir a diferença, mas dominar a individualização dos percursos, fazendo com que os aspectos criadores de desigualdades sejam neutralizados. Acredito que a partir disto, acabará a uniformidade e a escola terá que se reinventar.

Portanto, se reconheço a existência de limitações que criam barreiras, estas precisam ser removidas e não podem ser intransponíveis nem em nossas escolas, nem em nossas redes sociais.

Além dos teóricos já citados anteriormente, para este trabalho, utilizarei também as idéias e estudos de Winnicott, Rubem Alves, Paulo Freire e Piaget, que guiaram as intervenções e subsidiaram teoricamente a busca por respostas e soluções que fizessem com que N. fosse incluído na rotina diária da turma e tivesse suas dificuldades sanadas.

3.INTERVENÇÕES REALIZADAS:

Refletindo sobre os conceitos abordados no capítulo anterior, percebi que alguma coisa precisava ser feita para começar a incluir N. à rotina diária da turma. Dessa forma, foi se desenvolvendo um processo em que propunha algumas ações e intervenções às quais o aluno respondia de formas diversas.

A seguir, apresento algumas das ações realizadas por mim, enquanto professora, com o auxílio da escola. As ações ou intervenções estavam focadas em mobilizar o aluno e, portanto, constituía-se um desafio para mim, uma vez que não há regras definidas neste processo. Pareceu-me que tudo estava por ser criado.

Incluí-lo passou a ser um desafio diário, pois no período de quatro horas de aula precisava inseri-lo junto à turma, garantir a construção do conhecimento, sanar as dificuldades de aprendizagem e estabelecer um vínculo cada vez maior com o aluno.

O planejamento flexível mostrou-se eficaz, precisei analisar e retroceder, outras precisei avançar, tornar mais ágil o processo.

Percebi que quem ditava o ritmo da aprendizagem era o próprio N., mostrando-se participativo, por vezes ausente, outras extremamente contente e empenhado, outras irritado e revoltado.

Esta alternância de atitudes gerou, muitas vezes, intervenções diferentes das planejadas. Compreendê-lo passou a ser primordial para realizar as intervenções necessárias.

3.1.OBSERVANDO,AVALIANDO E APRENDENDO:

O primeiro passo foi observá-lo mais diretamente, perceber suas defasagens e suas aprendizagens.

Esta observação demandou tempo e exigiu de mim, enquanto professora, a atenção focada no sentido de pensar propostas diferenciadas, desafios feitos, registros antes e depois, reflexões em cima das mesmas e principalmente muito planejamento e avaliação.

O primeiro passo foi trazer N. para sentar perto de mim, observando, registrando suas ações frente às propostas feitas.A partir desta observação e avaliação foi possível definir algumas de suas dificuldades:

3.1.a.)COGNITIVAS:

*Misturava letras e números, não diferenciando-os;

*Não tinha conceitos e nem quantificava números.Não sabia informar sua idade e muito menos registrá-la.

*Seu nome era uma mistura de letras e números.

3.1.b.)COMPORTAMENTAIS:

*Agressões: “resolvia” seus problemas batendo, ameaçando, xingando. Estava inserido em algum grupo para trabalhar, caso acontecesse algo que não lhe agradasse, começava batendo, depois pegava o colega pelo pescoço e enforcava-o, só largando quando contido. Agredia verbalmente, dizendo palavrões e depois ameaçava continuar de onde houvesse parado fora da escola. Diversas vezes, aguardou escondido na rua para bater nos colegas.

*Depredações: estragava o pouco material que tinha e o dos colegas também. Jogava papel higiênico dentro do vaso sanitário do banheiro masculino. Se tivesse uma oportunidade, quebrava alguma coisa da escola: dia 18 de março arrancou o cano do bebedor da escola; dia 24 de março arreventou a caixa d’água de um vaso sanitário.

Tendo observado, busquei algumas intervenções, buscando interagir com o aluno de diversas formas, que possibilitassem respostas tão visíveis, quanto suas dificuldades, da maneira mais imediata possível.

AGRESSÕES- percebi que sempre que agredia aos colegas encaminhava-se para a porta rumo à direção ou SOE. Vi que gostava de ir para estes lugares. Conversei com ele que estas saídas da sala haviam acabado. Quando acontecesse algum problema, resolveríamos em sala, todos juntos.

Senti que N. precisava saber que me preocupava com ele. Que o queria ali, com a turma. Que não era alguém que me incomodava e sim alguém que me preocupava. Eu o via e o queria em sala de aula, aprendendo.

Conforme nos diz Winnicott:

“Isso faz com que se crie um ambiente de holding (“colo”) propício a um processo de formação de um ser humano independente. O holding é o somatório de aconchego, percepção, proteção e alegria fornecidos pela mãe (no caso, os educadores)”. (BOGOMOLETZ , Davy. Acesso em 16 de outubro de 2010.)

3.2. O CADERNO:

Como parte de toda negligência da qual é vítima, seu “caderno” contava com poucas folhas que diminuía diariamente e que segundo seu próprio relato, serviam para acenderem o fogo em casa. Todo material que lhe era dado não voltava para aula, ou os irmãos mais velhos pegavam ou os pais trocavam por algo “mais necessário”, conforme sua própria narrativa.

Percebi que o principal alvo das suas agressões eram as crianças que tinham seus materiais completos e organizados.

N. é uma criança como as outras, gosta de brinquedos e sonha em tê-los, mesmo sabendo que isto não acontecerá. Da mesma maneira anseia por ter seu material organizado, ter um caderno com capa, lápis, borracha, um estojo, sua cola.

Propus organizar seu material, deixá-lo em aula e assim trabalharia como o restante da turma.

Observei que N. queria e precisava ser cuidado. A atenção e o cuidado que não tinha em casa era necessário. Não em substituição à sua mãe, mas realizar o que ela não era capaz no momento: organizar, proporcionar, ouvir, ajudar e vê-lo.

A partir do momento que houve a organização do aluno, ele passou a querer participar das atividades propostas e realizá-las com afinco.

Coloquei-lhe que haviam algumas aprendizagens que precisava ter para conseguir melhorar cada vez mais, para tanto, após o término das atividades propostas para a turma toda faríamos outras, trabalhando suas áreas defasadas, buscando dirimir suas diferenças e dificuldades de aprendizagem.

Ao intervir junto à N. organizando seu material e sua aprendizagem houve a possibilidade de N. conquistar um espaço, ter dignidade e o respeito dos outros. N. passou a confiar mais nele, a acreditar mais em si.

Como Paulo Freire nos ensina:

“Creio que a questão fundamental diante de que devemos estar, educadores, bastante lúcidos e cada vez mais competentes, é que nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para exercer nossa intervenção na realidade a curto e a longo prazo.”
(FREIRE,1993.)

3.3.NÚMEROS E LETRAS:

Ao perceber que N. não diferenciava números e letras, passei a proporcionar atividades paralelas de modo à trabalhar esta dificuldade.

Começamos construindo, estabelecendo a diferença entre números e letras, onde perguntei à ele se havia alguma diferença entre as duas letras apresentadas e ele respondeu que sim (mostrei-lhe as letras A e G). Questionei-o novamente sobre quais seriam estas diferenças. Respondeu-me: *“Um é letra o outro é número.”*³

Perguntei-lhe o nome da letra e do número. Apontou-me a letra A como sendo F e a letra G como sendo o número 8. Utilizando a realidade de N. começamos a introduzir a diferença entre números e letras. Perguntei-lhe onde existiam números e ele respondeu: *“Na frente da minha casa. Ah! Tem também no cartão da Caixa da minha mãe!”* (O aluno tem Bolsa Família.)

³Registro do diário da professora do dia 22 de abril de 2010.

Partimos para a construção do número.

Contei à N. a história dos 3 porquinhos feitos em E.V.A. que têm roupinhas e seus instrumentos destacáveis (com velcro). Cada porquinho tem uma cor de roupa (vermelha, amarela e verde). N. ganhou 9 “moedinhas” da cor do porquinho que escolheu (vermelho). Começamos a relacionar uma moeda para cada peça que precisávamos comprar com o fim de deixar o porquinho completamente vestido e com seu instrumento.

Fez a relação de uma moeda para um objeto, inclusive nos sapatinhos, que mesmo sendo dois, N. colocou uma moedinha para cada um. Após o término da aprendizagem fomos fazer o relatório e ele pediu para usarmos o caderno.

Em outro dia, pediu para colocarmos a data (que é construída através de um calendário móvel) no caderno. Construímos juntos. Falou: *“Na data também tem número... e letra!”*

Concordei e propus a primeira atividade: Colocar o número escrito e ele colocava a quantidade em palitos de fósforos. Fomos até o número 5. Depois propus que ele continuasse sozinho. Fez o número 6 e colou a quantidade certa. No número 7, escreveu e colou 5 palitos de fósforo. O número 8 e o 9 foram feitos corretamente.

Ao terminar, pedi que recontasse e verificasse se todos estavam certos. Ao chegar ao número 7 contou 5 palitos e ficou parado. Dizia que o número era 7, mas contava 5 palitos. Perguntei-lhe o que havia acontecido. Disse:

N.- O número certo é 7, mas só tem 5 palito.

Perguntei-lhe o que faria.

N. Vê colocá mais palito.

Deixei-o construir as hipóteses de quantos palitos colocar ou tirar.

Finalmente disse-me que tinha que colocar 2 palitos.

Pedi que me dissesse porque havia colocado 5 palitos. Respondeu que foi porque viu o número 5 escrito. Quando terminou de falar, riu e disse:

N.-Esse número ta errado. (Apontou o número 5 por escrito).

Perguntei que número deveria ir ali se aquele estava errado.

N.- O sete. (escreveu o número 7).

Após o término desta atividade propus que fosse até a direção mostrar o que havia trabalhado. Acompanhei-o e foi mostrando a todas as professoras e funcionários que conheciam-no.

Recebeu elogios, beijos e figurinhas coladas no caderno. Voltou para aula e perguntou-me se trabalhasse no outro dia poderia mostrar seu caderno *“lá na frente”*.

Como N. poderia participar da construção do conhecimento se não tinha o menor acesso à ele? N. era um número na aula, um benefício à receber. Alguém que não aprendia, incomodava e era retirado do convívio com os colegas. Passando mais tempo fora da aula do que participando dela, como iria aprender? Não tinha acesso à condições de aprendizagem nem em casa e nem na escola.

Quanto à isto, Rubem Alves é claro ao ensinar:

“Educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade. E ele é mediado pela linguagem. Aprender o mundo humano e aprender uma linguagem porque “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.” (ALVES, 2000)

N. está aprendendo que seu mundo pode ter seus limites ampliados através da educação, do estudo, da aprendizagem.

Entende que sua vida pode ser e ter mais do que o esperado. Sempre esperaram dele que não fosse nada, que fizesse menos ainda, N. tem percebido que não precisa ser assim.

Suas conquistas diárias serviram para aumentar sua auto-estima. Agora ele acredita que é capaz de fazer mais, de querer mais, de aprender mais.

3.4.O QUEBRA-CABEÇA

Outra situação que evidencio aqui, aconteceu no dia 05 de maio, onde apresentei-lhe um quebra-cabeça que unia figura a sua letra inicial.

A proposta incluía pintura e recorte. N. aceitou, pintou, mas recortou de uma maneira qualquer. Não cortou obedecendo os limites das figuras.

Pedi-lhe que encaixasse as figuras às suas letras, sem deixar espaços. Não conseguiu, devido á falta de corte nos limites. Reavaliámos juntos o que não havia dado certo. Ele concluiu que precisava recortar melhor. Com muito esforço terminou o recorte e conseguiu o encaixe com êxito.

Conforme ele unia as partes, eu questionava-o sobre identificar que letra era apresentada. Das 10 letras apresentadas, reconheceu 7. Algumas ligou ao seu nome (A,E,L,N e T).

Depois colou o quebra-cabeça, parte por parte.

N. não estava habituado a fazer suas atividades. Todos seus “trabalhos” iam parar no lixo, jogados por ele mesmo. Passei a notar que sua primeira atitude era não completar como deveria, suas atividades. Só mudava sua atitude quando defrontava-se com a incapacidade de ir adiante. Está acostumado a desistir ligeiro, como as pessoas desistem dele. Por isto desiste logo de continuar fazendo como deveria. Paulo Freire (1992) fala sobre isto, ao comentar sobre a necessidade de que o educador compreenda o mundo daquele educando. **“Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado”** (FREIRE,1992). A “dureza” da vida imposta à N. não deixava-lhe outra saída, uma que permitisse um aprofundamento, um maior conhecimento.

3.5.LETRAS E IMAGENS

No dia 07 de maio, escreveu em seu caderno algumas palavras e trouxe para mostrar-me. Antes de iniciar as atividades escreveu: “TE AMO”.

Perguntei se havia escrito sozinho e respondeu-me que havia copiado da colega. Ao questioná-lo sobre o que havia copiado, disse certinho a frase. Afirmou que escreveu para a “profe”.

Em outra oportunidade, propus que ligasse o alfabeto na ordem e visse que figura formava, pois percebi que gostava de carros e o resultado final era um modelo de carro. Realizou a atividade de forma entusiasmada, apesar de ter equivocado-se na ordem de algumas letras, apagando-as, avaliando o caminho à tomar e refazendo-o.

Já consegue identificar a maioria das letras do alfabeto em ordem, independentemente da maneira como se apresentam, confirmado no exercício seguinte que propunha organizar o alfabeto misturado e colá-lo na ordem.

Colou as letras I,Y,V e M, fora de seus lugares.

É nítido o crescimento da aprendizagem de N. Sente-se cada vez mais seguro para tentar sozinho, errar, dar-se conta do seu erro e recomeçar. Perguntar e participar fazem parte do seu cotidiano.

Acredito que N. encontrou ou descobriu que a aprendizagem é uma porta capaz de mudar sua vida, por enquanto, durante o horário de aula, mas acredito que logo estes limites extrapolarão.

N. tem vez e tem voz na sala. Está descobrindo que sua fala, articulada tem mais chances de causar mudanças do que seus socos.

Como Paulo Freire acreditou e eu também:

“É no presente concreto, dinâmico, contraditório que se trava a luta de que emerge o futuro.” (FREIRE,2003)

N. expressa sua realidade, procura e luta por um futuro melhor. Foi preciso concretizar, transformar em realidade a vontade de aprender, para que se visse capaz.

3.6. ESTRELA NO JORNAL

No dia 11 de junho N. chegou em aula sorrindo e contou-me que saiu sua foto no jornal. Não entendi bem o que havia ocorrido e pedi que me contasse com calma.

Falou-me que à tarde ficava em um Centro Social perto de onde mora e que um fotógrafo pedira uma criança “comportada” para a foto e o monitor indicou N. por ser, na época, o mais comportado.

Por conta disto, N. teve sua fotografia estampada na capa de um jornal popular de Porto Alegre.

Adquirimos o jornal e ele foi parabenizado por todas as professoras e pela direção.

A capa do jornal ficou afixada no mural da escola.

N. começou a perceber que “ganhava” mais através da construção do seu conhecimento do que utilizando a força. Estimulá-lo e acreditar que ele podia melhorar cada vez mais foi a “mola propulsora” que ele precisava. Passou a ver que em outros lugares também era visto e valorizado. N. amadureceu, cresceu e mostra agora, suas potencialidades.

Donald Winnicott (1979) coloca-nos que o ambiente não faz a criança, na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial. Afirma também que a maturidade do ser humano não implica somente crescimento pessoal, mas também socialização.

N. tem amadurecido e seu crescimento vem mostrando que faz-se necessário permitir um tempo para adaptação.

Ao observar a situação de N. lembrei-me do filme “Menino Selvagem”, visto e trabalhado em LIBRAS, no sétimo semestre, onde o menino encontrado no meio dos lobos e levado para o “meio humano” e passa por uma adaptação. N. lembra muito o menino do filme, onde foi tirado de um meio e colocado em outro que “exigia” mudanças comportamentais. Foi necessário um período de amadurecimento, de experimentações e adaptações.

3.7.O PAPEL DAS INSTÂNCIAS DA ESCOLA

Foi acordado com a direção a liberação dele para mostrar seu caderno enquanto, paralelamente, tentávamos trazer sua família até a escola.

Sempre que acabava suas atividades diárias, tinha permissão, caso quisesse, para mostrá-las às outras professoras, orientadora educacional e direção.

A escola disponibilizou recursos, na medida do possível, para que ele tivesse acesso aos materiais mínimos necessário e em boas condições.

Ele tem sido parabenizado e elogiado por todos da direção em virtude de suas atitudes,
seu trabalho e toda mudança ocorrida.

Como referido anteriormente, não é possível trabalhar à favor da inclusão, se este trabalho não for em rede, unido às outras instâncias que permitirão êxito. Entre estas instâncias encontra-se a direção e demais professores.

No livro: Professora sim, tia não, de Paulo Freire (1993), o autor nos coloca: **“Em conclusão, a escola democrática não apenas deve estar permanentemente aberta à realidade contextual de seus alunos, para melhor exercer sua atividade docente, mas também disposta a aprender de suas relações com o contexto concreto. Daí a necessidade de, professando-se democrática, ser realmente humilde para poder reconhecer-se aprendendo muitas vezes com quem sequer se escolarizou. A escola democrática de que precisamos não é aquela em que só o professor ensina, em que só o aluno aprende e o diretor é o mandante todo-poderoso.”** (FREIRE,1993).

Acredito que não só N. teve suas aprendizagens como todos que envolveram-se no processo de ensino e aprendizagem dele. Aprendemos a observar, perceber a realidade de cada um, aprendemos a ouvi-los, a acompanhá-los.

Tiramos a arrogância de sermos os detentores do saber e passamos a aprender à aprender com alunos que estavam querendo uma chance.

4. PENSANDO A IN(EX)CLUSÃO...CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confesso que ao tentar incluir, muitas vezes passamos a ser agentes excludentes, pois é difícil aceitar aquele aluno que simboliza o “avesso da perfeição”. Os professores ou em sua maioria, querem alunos que aprendam, que ajudem...enfim, o aluno que não “dá trabalho” para aprender.

Refletindo sobre esta situação, cito Rubem Alves:

“Os educadores são como velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” sui generis, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal.” (ALVES, 2008)

Este “espaço artesanal” a qual refere-se o autor é a sala de aula onde temos a opção de trabalharmos ou não de maneira artesanal o material que muitas vezes chega de forma bruta, natural...o aluno.

Ao meu ver, quatro grandes problemas proporcionam a exclusão e aniquilam as chances de incluir de verdade. O primeiro, é o rótulo.

Rotular o aluno significa negar-lhe acesso, direito de pertencer à turma. É atestar-lhe uma incapacidade que muitas vezes não tem, quando podemos estar tentando esconder a nossa incapacidade em conseguir lidar com a situação que este aluno apresenta.

O segundo grande problema vem interligado ao primeiro e aos outros e afeta a aceitação do aluno que necessita estar incluído, participando da turma e trata-se do desconhecimento da realidade de vida deste aluno.

Não se pode pensar em incluir sem conhecer a “bagagem” que o aluno traz. Como esperar que participe, que construa conhecimento, se em sua casa, em sua família, em sua escola, não existe organização, se não há ambiente que proporcione isto?

É aí que entra o terceiro problema. Só se vai perceber a realidade, o contexto trazido pelo aluno, se o educador aprender a observar o educando, a enxergá-lo como único, a ver e não negar-lhe o direito de expor-se, de mostrar-se necessitado ou não.

O quarto e último, porém não menos importante problema é a ausência de um planejamento flexível baseado nas observações feitas e uma avaliação crítica das propostas e dos resultados finais de cada uma delas. Faz-se necessário reconhecer quando deve-se retroceder, reconsiderar, reformular.

Por estes motivos, acredito que exclui-se muito mais facilmente do que inclui-se.

Paulo Freire (1993) nos coloca que o “processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil.” (FREIRE,1993).

Precisa-se conhecer para quem se está ensinando. Principalmente quando se quer incluir alguém.

A educação atual tem mudado muito, exigindo um olhar diferenciado à realidade que cada aluno nos traz. Não se pode massificar, generalizar o aluno.

É necessário, como Winnicott muito bem afirmou, uma atitude de holding, de “colo” ao aluno, significando que ao professor cabe o uso da paciência, da sabedoria, da busca por conhecer a teoria e respeitar todo momento pelo qual o aluno o aluno passará, com firmeza e com carinho.

Percebi que N. esperava desistência de minha parte, que repetisse as atitudes de outras professoras que já teve e que haviam desistido dele.

Comprovou que eu não desistiria dele. Senti que estava disposta a esperar sem abandoná-lo. Acreditei nele e em sua capacidade, mesmo esperando que passassem suas fases ruins, onde me fiz presente e tolerante.

Rubem Alves (2000) coloca que **“o corpo de uma criança é um espaço infinito onde cabem todos os universos. Quanto mais ricos forem estes universos, maior será a felicidade.”** (ALVES, 2000)

Enriquecer o universo de N. com aprendizagens tornou-o infinitamente feliz e capaz.

Questiono-me frequentemente sobre as atitudes de um educador que quer que seu aluno seja incluído e construa aprendizagens e concluo sempre que além de observar,

planejar, conhecer, é preciso ter coerência nas atitudes, pois educa-se muito mais pelo testemunho dado do que pelas palavras proferidas.

A tarefa de incluir passa pela aceitação do educador em assumir suas próprias limitações e portanto buscar ajuda para construir, quando suas capacidades esgotarem.

É preciso que o professor dê-se conta de que ao incluir sem comprometimento estará excluindo o aluno de um universo de felicidades, de um universo de aprendizagens.

Quando Rubem Alves (2000) fala-nos de um espaço artesanal, precisamos nos remeter a um ambiente de arte, de criação, de liberdade de imaginação. Pois bem, educar para incluir é uma arte, uma arte que engloba um universo de realizações, mas que necessita de trabalho, “de uma mão” para segurar o pincel e disposição para recomeçar sempre.

Percebi através deste trabalho que existe uma preocupação legítima quanto à incluir os alunos portadores de necessidades educativas especiais, mas no caso de serem alunos chamados ou rotulados “problemáticos”, não há uma atenção, um olhar especial. O que há é pouca ou nenhuma atitude concreta.

Existem pouquíssimos textos que tratam da inclusão de quem não é Portador de Necessidades Especiais e nos documentos do Ministério da Educação nem sequer são citados no que se refere à inclusão.

Fazem parte de um contingente marginalizado, excluído e rotulado, porém não existe uma legislação que os defenda, os ampare.

N. é uma criança como todas as outras, a qual estava sendo-lhe negado o direito de aprender, de participar.

O rótulo que carrega garantia-lhe a exclusão da turma e do processo de construção da aprendizagem.

A desestrutura e o despreparo da qual é vítima o levam a acreditar que estar excluído é o correto e como é negligenciado esta exclusão é tratada com descaso pela família.

Não reage e nem enxerga que é errado não participar, acredita que é merecedor do “castigo” e que deve estar excluído.

Fez e faz alguma coisa ruim para ficar de fora, sabendo e antevendo sua exclusão.

Um dos grandes problemas causados pela exclusão é o fato de que tanto o professor quanto o aluno acomodam-se a este “arranjo”. O professor finge que não tem problema e o aluno finge que não quer aprender. Um exclui o outro e convivem sem questionamentos e sem respostas.

Desde que o aluno não “invada”, para desestruturar o mundo do professor, é deixado a sua própria mercê, fora da rotina da turma, contanto que permaneça quieto.

Se pensarmos a inclusão, vemos que há um direcionamento no sentido de somente os alunos portadores de necessidades educacionais especiais serem incluídos, quando a realidade nos apresenta um aluno que não é visto, não é ouvido e não pode manifestar sua existência de jeito nenhum, alguém oprimido, sem vez e sem voz.

Quando analiso a caminhada de N. pela construção da aprendizagem, acredito que ele sentiu-se capaz de expressar-se, de errar e aprender com este erro, sentiu-se confiante para tentar e principalmente, sentiu-se estimulado dentro da realidade que ele apresentava. Passou a perceber que NÃO TER não significa NÃO SER e começou a construir sua existência.

Ao professor cabe a atitude de acolhimento, de observação, de percepção da realidade que o aluno traz e aceitação de que é necessário compreendê-la para conseguir incluí-lo.

É necessário, também, que o professor perceba que deve trabalhar de forma a abranger as necessidades educacionais que este aluno apresenta e suas dificuldades.

Faz-se também preciso, um trabalho direcionado às deficiências que o aluno apresenta. É preciso observar, analisar, registrar e avaliar sempre as propostas e as respostas dadas à elas. Muitas perguntas aparecerão e buscar as respostas faz parte do ofício do professor.

Estes questionamentos permeiam a prática do professor e devem existir, pois educar não é uma tarefa estanque, com respostas fechadas e prontas e sim um movimento de constante mudança, de constantes dúvidas e de buscas incessantes por mais respostas e mais perguntas.

Pergunto-me frequentemente como ficará N. no futuro? Quais são suas possibilidades de permanecer incluído a partir de agora? Que trabalho deve ser feito para que permaneça incluído em outra série, com outra professora?

Questionamentos que me fazem pensar muito no processo de avaliação de N., mas que também me dão a certeza de que deve-se mudar esta situação de exclusão e que mesmo não havendo certeza quanto ao futuro dele, o presente deve lhe ser de construção artesanal da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. 3ª ed. Campinas. São Paulo. Editora Papirus. 2000. p.69.

BOGOMOLETZ, Davy. Donald Winnicott. p.1e2. Disponível em <http://educarparacrescerabril.com.br/comportamento/donald-winnicott-427693.shtml>. Acesso em 16 de outubro de 2010.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina - reflexões sobre a minha vida e a minha práxis. 2ed. rev São Paulo. Editora UNESP, 2003. p.200. Série Paulo Freire.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança - um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Ed. 16ª. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992. p.28.

FREIRE, Paulo. Professora sim tia não - cartas a quem ousa ensinar. 21ed., São Paulo. 1993. p.11, 78 e 79 e 100.

MANTOAM, Maria Teresa. Ensaios pedagógicos- Educação Inclusiva: direito à diversidade. Brasília. DF. Editora Ideal LTDA. 2006. p. 81

PISTÓIA, Lenise . A rede de interações como concepção pedagógica: alternativas no espaço da sala de aula com alunos em situação de desvantagem. p. 4 , PORTO ALEGRE. Disponível em:

<http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo6/necessidadesespeciais/arededeinteracoes.pdf> > Acesso em 10 out. 2010.

RUBEM ALVES, 2000 apud LUDWIG WITTGENSTEIN, op. Cit. p. 111